

FORMAÇÃO CONTINUADA - SEEDUC		
Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa e Literatura / 9 EF / 2º Bimestre / 2º Ciclo		
Cursista: Márcia Cristina Coelho	Tutor: Liliane Ribeiro de Souza	Grupo: 02

PALAVRAS-CHAVE: conto; elementos do enredo; figuras de linguagem; coordenação.

ROTEIRO DE ATIVIDADES ORIGINAL / VERSÃO REVISADA

TEXTO GERADOR I

O texto que você vai ler a seguir pertence ao gênero textual conto. Chamamos de conto toda a história de ficção narrada, em prosa ou em verso, de modo breve, isto é, com enredo, tempo e espaço reduzidos e poucas personagens.

Você gosta de histórias em que acontecem fatos que vão além do real? Conheça a história de um sábio e dos jovens que o acompanhavam. O que lhes ensinaria um sábio, um homem pleno de conhecimentos? Que lição eles aprenderiam?

Leia para conhecer as personagens e os ensinamentos que aprenderam.

Como os campos

Preparavam-se aqueles jovens estudiosos para a vida adulta, acompanhando um sábio e ouvindo seus ensinamentos. Porém, como fizesse cada dia mais frio com o adiantar-se do outono, dele se aproximaram e perguntaram:

- Senhor, como devemos vestir-nos?
- Vistam-se como os campos - respondeu o sábio.

Os jovens então subiram a uma colina e durante dias olharam para os campos. Depois dirigiram-se à cidade, onde compraram tecidos de muitas cores e fios de muitas fibras. Levando cestas carregadas, voltaram para junto do sábio.

Sob o seu olhar abriram os rolos de sedas, desdobraram as peças de damasco, e cortaram quadrados de veludo, e os emendaram com retângulos de cetim. Aos poucos, foram recriando em longas vestes os campos arados, o vivo verde dos campos em primavera, o pintalgado da germinação. E entremearam fios de ouro no amarelo dos triguais, fios de prata no alagado das chuvas, até chegarem ao branco brilhante da neve. As vestes suntuosas estendiam-se como mantos. O sábio nada disse.

Só um jovem pequenino não havia feito sua roupa. Esperava que o algodão estivesse em flor, para colhê-lo. quando teve os tufos, os fiou. E quando teve os fios, os teceu. Depois vestiu a sua roupa branca e foi para o campo trabalhar.

Arou e plantou. Muitas e muitas vezes sujou-se de terra. E manchou-se do sumo das frutas e da seiva das plantas. A roupa já não era branca, embora ele a lavasse no regato. Plantou e colheu. A roupa rasgou-se, o tecido puiu-se. O jovem pequenino emendou os rasgões com fios de lã, costurou remendos onde o pano cedia. E quando a neve veio, prendeu em sua roupa mangas mais grossas para se aquecer.

Agora a roupa do jovem pequeno era de tantos pedaços, que ninguém poderia dizer como havia começado. E estando ele lá fora uma manhã, com os pés afundados na terra para receber a primavera, um pássaro o confundiu com o campo e veio pousar no seu ombro. Ciscou de leve por entre os fios, sacudiu as penas. Depois levantou a cabeça e começou a cantar.

Ao longe, o sábio que tudo olhava sorriu.

COLASANTI, Marina. *Longe como o meu querer*. São Paulo: Ática, 2002. P. 29-30.

<p>damasco: tecido de seda com desenhos. pintalgado: salpicado de pintas ou manchas. entremear: intercalar, colocar no meio.</p>

suntuosa: luxuosa.
tufo: porção de pelos ou fios.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1:

Como a crônica, o conto é um texto curto que pertence ao grupo dos gêneros narrativos ficcionais. Caracteriza-se por ser condensado, isto é, por apresentar poucas personagens, poucas ações e tempo e espaço reduzidos. No conto “Como nos campos”:

- Quais são as personagens envolvidas na história?
- Onde acontecem os fatos narrados?
- Quando acontecem os fatos relatados no conto?

Habilidade trabalhada:

Identificar narrador, foco narrativo, espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta comentada:

O aluno deverá perceber que no conto de Marina Colasanti as personagens presentes são o sábio, os jovens e um jovem pequenino; que os fatos narrados se passam no campo; e que ocorrem no passado (marcado pelas estações do ano: outono, inverno e primavera).

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 2:

Nos gêneros narrativos, a sequência de fatos que mantêm entre si uma relação de causa e efeito constitui o enredo.

Observe no quadro seguinte a estrutura de um enredo:

Enredo ou momentos da narrativa	
Situação inicial (ou apresentação)	Geralmente coincide com o começo da história; é o momento em que o narrador apresenta os fatos iniciais, as personagens e, às vezes, o tempo e o espaço.
Complicação	É a parte do enredo em que é desenvolvido o conflito.
Clímax	É o momento culminante da história, ou seja, aquele de maior tensão, no qual o conflito atinge seu ponto máximo.
Desfecho	É a solução do conflito, que pode ser surpreendente, trágica, cômica, etc., e corresponde ao final da história.

Agora, levando em conta que o conto “Como os campos” apresenta nove parágrafos, indique quais parágrafos correspondem a cada um dos momentos:

- Situação inicial →
- Complicação →
- Clímax →
- Desfecho →

Habilidade trabalhada:

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Resposta comentada:

O aluno deverá inferir que a **situação inicial** é apresentada entre os parágrafos 1 e 5 (Os jovens perguntaram ao sábio sobre como se vestir e passaram a compor suas vestes de modo suntuoso, reproduzindo nelas as cores encontradas no campo); a **complicação** apresenta-se nos parágrafos 6 e 7 (Um dos jovens não fez sua roupa como os

demais. Resolveu tecê-la, então, de algodão branco e foi para o trabalho, manchando-a, rasgando-a, remendando-a com o passar do tempo.); o **clímax** está presente no início do parágrafo 8 (A roupa do jovem ficou em pedaços.); e o **desfecho** é apresentado em parte do parágrafo 8 e no parágrafo 9 (Um pássaro confundiu as roupas do jovem com o campo e pousou em seu ombro, deixando o sábio satisfeito com a ação do jovem.)

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3:

Na passagem do discurso direto para o indireto, ocorrem alterações gramaticais importantes. Os verbos apresentados no presente do indicativo, por exemplo, passam para o pretérito imperfeito, os pronomes na 1ª pessoa são substituídos por pronomes da 3ª pessoa e torna-se necessária a utilização de um novo verbo, do tipo **dicendi**, para introduzir a fala do locutor. Verbos **dicendi** são os verbos que indicam o ato de falar e o modo como se fala: **dizer, pedir, exclamar, suplicar, esbravejar**, etc.

Observando as mudanças que ocorrem na transição do discurso direto para o discurso indireto, reescreva o trecho seguinte do Texto Gerador I em discurso indireto.

- Vistam-se como os campos - respondeu o sábio.

Habilidade trabalhada:

Identificar os usos dos discursos direto e indireto.

Resposta comentada:

Diante das explicações contidas no enunciado da questão, o trecho seguinte poderia ser reescrito da seguinte forma:

“O sábio respondeu que deveriam vestir-se como os campos.”

TEXTO GERADOR II

Quando falamos em amor, sempre pensamos no amor à pessoa amada, ou no amor a pais, irmãos, familiares e amigos. Mas pode o ser humano apaixonar-se com a mesma intensidade por um objeto ou por um hábito? E o que fazer quando esse sentimento é confrontado com sentimentos como a crueldade e a perversidade?

Felicidade clandestina

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme; enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudade".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía As renações de Narizinho, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. P. 7-10.

elucidativo: que elucida, explica.

êxtase: estado de máxima intensidade emocional, por efeito de exaltação religiosa ou de sentimentos intensos de alegria, prazer, admiração, etc.

magno: de grande importância.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 4:

Do mesmo modo que a crônica, o conto pode tanto apresentar um narrador-observador quanto um narrador-personagem.

Leia o quadro seguinte, depois diga o tipo de narrador que o conto “Felicidade clandestina” apresenta. Justifique a sua resposta.

Narrador-personagem	O narrador é uma das personagens da história. Ao mesmo tempo em que conta os fatos, participa deles, mostra-se. Percebemos sua presença pelo uso da 1ª pessoa: <i>eu</i> ou <i>nós</i> .
Narrador-observador	Ausente do texto, limita-se a contar os fatos, sem interferir ou manifestar opiniões. O leitor não percebe a presença dele no texto.

Habilidade trabalhada:

Identificar narrador, foco narrativo, espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta comentada:

O aluno deverá ser capaz de inferir que o conto apresenta um narrador-personagem, pois há no texto verbos e pronomes em 1ª pessoa, como, por exemplo, no trecho “Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava... as ondas me levavam e traziam”.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5:

Metáfora é uma figura de linguagem por meio da qual um termo é utilizado para substituir outro através de uma relação de semelhança. A metáfora também pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o conectivo não está expresso, mas subentendido.

Identifique dentre os fragmentos seguintes do Texto Gerador II, aquele em que essa figura de linguagem se faz presente.

- (A) “Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados.”
- (B) “Pedi explicações a nós duas.”
- (C) “Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa.”
- (D) “Eu era uma rainha delicada.”

Habilidade trabalhada:

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

Resposta comentada:

Através da questão proposta, o aluno deverá identificar que no trecho “Eu era uma rainha delicada.” encontramos uma comparação implícita, pois sem fazer uso de um termo comparativo, a narradora se compara a uma “rainha delicada”. A alternativa que encerra a resposta correta é a de letra D.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 6:

O período composto por **coordenação** é aquele que apresenta orações que não mantêm entre si dependência gramatical, ou seja, do ponto de vista sintático, uma não depende da outra.

Observe os períodos transcritos do conto de Clarice Lispector e aponte aquele que é composto por coordenação:

- (A) “Mas que talento tinha para a crueldade.”
- (B)” Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso.”
- (C)” Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer”.
- (D) “Acho que eu não disse nada”.

Habilidade trabalhada:

Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação.

Resposta comentada: O aluno deverá inferir que a única alternativa que encerra um período composto em que as orações são coordenadas, ou seja, onde não existe dependência sintática entre elas é a alternativa de letra (C). Quando separamos as orações presentes nesse período (Eu ia diariamente à sua casa / sem faltar um dia sequer) percebemos que ambas são independentes sintaticamente entre si.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL:

QUESTÃO 7:

A seguir, apresentamos o início de dois contos de escritores brasileiros. Escolha uma deles e dê continuidade à narrativa. Se preferir, escreva um conto com um assunto diferente dos propostos.

O telefonema pegou-a de surpresa. Atendeu com impaciência, os olhos presos a um livro que tinha nas mãos, uma história policial que não conseguiu parar de ler. Era bom estar sozinha, lendo um livro de suspense numa noite de ventania. O sábado já estava quase no fim e ela ali, presa àquelas páginas. O som do telefone era uma intromissão, um estorvo. Atendeu a contragosto. (...)

(SEIXAS, Heloísa. *Contos mínimos*. Rio de Janeiro; Record, 2001. p. 43)

Quarta-feira, hora melancólica das cinco e meia, quando chove. Choveu úmido e frio na tarde antes sufocante de novembro. Ela caminhava na direção do metrô, os sapatos molhados. Pelos menos o metrô lhe parecia um progresso no meio dos tempos decadentes. Dava-lhe a sensação de estar em outro país. A decadência em torno assustava. (...)

(TÁVOLA, Artur da. *Em flagrante*. Rio de Janeiro. Bluhm, 2000. p. 61)

- a) Antes de escrever, imagine o conflito, ou seja, a situação problemática que as personagens viverão e como ocorrerá sua superação. Além disso, planeje a organização dos fatos, estruturando o enredo em partes (introdução, complicação, clímax e desfecho) ou encontrando uma maneira de subverter essa estrutura. No caso de sua escolha ter recaído sobre um dos inícios sugeridos, a introdução já está feita.
- b) Ao redigir, empregue uma variedade de acordo com a norma-padrão da língua. Faça um rascunho e, antes de passar seu conto a limpo, revise-o cuidadosamente.

Habilidade trabalhada:

Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

Resposta comentada:

Na avaliação da atividade o professor deverá observar se o texto produzido é uma narrativa ficcional curta; se apresenta poucas personagens, poucas ações e tempo e espaço reduzidos; se o enredo está estruturado em introdução, complicação, clímax e desfecho (ou subverte intencionalmente essa estrutura); se a linguagem está empregada de acordo com o padrão da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BORGATO, Ana Maria Tricolini; Terezinha Costa Hashimoto Bertin; Vera Lúcia de Carvalho Marchezi. Projeto Telaris: Português, 9º Ano. São Paulo: Ática, 2012. P. 78-94.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. Português : Linguagens, 9º Ano. São Paulo: Saraiva, 2012. p. 70-76.